

TABULEIRO DE LETRAS

A linguística aplicada, o ensino e a aprendizagem da língua inglesa e o compromisso social

Applied linguistics, the teaching and learning of the English language and the social commitment

Flávius Almeida dos Anjos¹

RESUMO: O presente artigo versa sobre a Linguística Aplicada (LA), destacando a sua relevância como área de investigação, cujo objetivo maior é a condução de pesquisa social, visando a criar condições de inteligibilidade para a vida em sociedade. Para tanto, traça um breve histórico dessa área de investigação, no Brasil e em outros países, e amplia a reflexão ao tratar do ensino e da aprendizagem da língua inglesa, trazendo conceitos, características e objetivos da LA. Este artigo destaca, ainda, o compromisso social da LA, já que ela se constitui como uma área problematizadora das nossas realidades.

Palavras-chave: Linguística Aplicada; Pesquisa; Sociedade; Ensino/Aprendizagem; Língua.

ABSTRACT: The present paper is about Applied Linguistics (AL), and highlights its relevance as an investigative area, which the main purpose is to conduct social research, aiming at creating intelligibility for life in society. For that, it traces a brief historic of this area of investigation in Brazil and in other countries and expands this reflexion when talks about the teaching and learning of the English language and presents concepts, characteristics and objectives of the AL. Still, this paper highlights the social commitment of AL, since it is an area that problematizes our realities.

Keywords: Applied Linguistics; Research; Society; Teaching/learning; Language.

Iniciando a Reflexão

A Linguística Aplicada (LA) tem sido uma das áreas que vêm se destacando nas últimas décadas, porque tem se preocupado em investigar problemas relacionados à linguagem e, desse modo, possibilitado a compreensão de diversos cenários. Um deles é o contexto de ensino

¹ Mestre em língua e cultura pela UFBA. Doutorando em língua e cultura pela UFBA. Professor de língua inglesa da UFRB. E-mail: flaviusanjos@gmail.com

aprendizagem da língua inglesa. Na verdade, o próprio surgimento da Linguística Aplicada coincide com as pesquisas no contexto de aprendizagem da língua inglesa. Essa nova área de investigação da linguagem humana tem a sua origem relacionada com o ensino de línguas nos Estados Unidos, no período da Segunda Guerra Mundial. Assim, os primeiros linguistas aplicados se dedicaram a investigar questões sobre o ensino/aprendizagem da língua inglesa. Nessas buscas, os linguistas aplicados foram motivados pela necessidade de comunicação com os grupos rivais e aliados, o que também fez com que dados da psicologia e da linguística passassem a fazer parte dos manuais do ensino de línguas. Nesse momento, a Linguística Aplicada já dava sinais de uma das suas marcas mais preponderantes, a interdisciplinaridade, sobre o que será discutido mais adiante.

No histórico da Linguística Aplicada, é possível verificar que ela, de fato, emerge nos anos de 1940, sobretudo com o intuito de elaborar materiais para o ensino de línguas. Academicamente, de modo oficial, a primeira faculdade de Linguística Aplicada surge em Edimburgo, na Escócia, em 1958. De lá saíram nomes importantes como Davies, Widdowson e Pit Corder, este que mais tarde, em 1973, escreve o famoso *Introducing Applied Linguistics*. A LA avança em passos lentos e somente em 1964 é fundada a sua associação internacional (a AILA). Aqui no Brasil, a Linguística Aplicada surge nos anos de 1960, com a intenção de aplicar as teorias linguísticas. Gomes de Matos é um dos pioneiros a tratar dessa questão por aqui. Entretanto, é nesse mesmo ano que a Linguística Aplicada finca as suas raízes de maneira institucionalizada, quando a professora Maria Antonieta Alba Celani, professora emérita da PUC, funda o Programa de Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Nesse sentido, Rajagopalan (2003, p. 106) lembra:

A área acadêmica que se convencionou chamar de ‘linguística aplicada’ tem origens “nobres” e se mantém distante das preocupações do dia a dia do mundo do comum dos mortais. É lícito dizer que a linguística aplicada nasceu do berço esplêndido do mundo acadêmico, como uma subárea de investigação dedicada a eventuais aplicações de uma disciplina mãe já consagrada – a linguística geral ou teórica.

Na década de 1980, duas revistas de LA são lançadas: *Trabalhos em Linguística Aplicada* (1983) e a *DELTA* (Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada) (1985). Um ano depois, em 1986, a UNICAMP inaugura o seu programa de pós-graduação em Linguística Aplicada, o segundo do País. Ainda, aqui no Brasil, é preciso destacar o papel relevante da Associação Brasileira de Linguística Aplicada, na Universidade Federal de Pernambuco, no

início da década de 1990. A partir desse momento, a Linguística Aplicada no Brasil segue a sua rota científica, quando, de fato, encontra relativo vigor, com publicações relevantes, como as obras esgotadas *Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas*, de Almeida Filho (1993), *Oficina de Linguística Aplicada*, de Moita Lopes (1996), os trabalhos publicados nas revistas Delta (PUC-SP), Horizonte de Linguística Aplicada (UNB), Linguagem e Ensino (UCPEL) e Contextura (da APLIESP - Associação dos Professores de Língua Inglesa de São Paulo). Assim, um novo cenário de pesquisas começa a se delinear no contexto nacional.

A meu ver, tal rota, seguida pela Linguística Aplicada, tem conseguido preencher a lacuna deixada pela Linguística Teórica, e, talvez, seja por isso que Rajagopalan (2006) afirma que o que se convencionou chamar de Linguística Aplicada surgiu à sombra da Linguística, do ‘galho da Linguística’, brotada do ramo maior das ciências sociais. (ALMEIDA FILHO, 2005). Nesse cenário parece que, há algum tempo, a Linguística Teórica já dava sinais de desgaste e estagnação. Uma crise na Linguística Teórica estava instaurada. Com relação a isso, a questão é que, em sua trajetória, ela acabou relegando o social a um segundo plano e se distanciou do falante real, em busca do falante ideal, impossibilitando os linguistas teóricos de participarem de questões de ordem prática. Essa prática desvinculada das questões de ordem social abriu espaço para a criação de um objeto irreal, imbuído de concepções ideológicas. Tal distanciamento, em certa medida, possibilitou o seu desgaste e desprestígio, refletidos no número reduzido de novos alunos nos programas de pós-graduação dos Estados Unidos. (RAJAGOPALAN, 2006). Quanto a isso, Rajagopalan (2006, p. 150) chama de falência a situação crítica em que se encontra a linguística teórica e argumenta:

Há uma sensação crescente mundo afora de que a ciência da linguagem – a “rainha das ciências humanas” de outrora – já não está na mesma situação de décadas atrás, quando a área era agraciada, sobretudo nos Estados Unidos, por vultuosos volumes de verba pública para projetos de pesquisa básica, tornando-se até objeto de inveja por parte dos pesquisadores de áreas conexas).

Por outro lado, se verifica a ascensão de uma área de investigação, cujo foco é a linguagem, voltada para questões de ordens práticas, em que a aproximação do sujeito de pesquisa é condição *sine qua non*, porque é preciso convidar aqueles que vivem as práticas sociais para opinar, o que é uma dimensão essencial em áreas aplicadas. (MOITA LOPES, 2006). Assim, a Linguística Aplicada inaugura uma espécie de novo paradigma social e político no tocante à pesquisa social. E essa área de investigação cresceu e tem tomado uma dimensão relativamente notável, cujas pesquisas, em perspectivas interdisciplinares, têm desvendado

questões relacionadas à linguagem, nos mais diversos cenários, que não se restringem especificamente ao ensino e à aprendizagem de línguas. A título de exemplo, menciono as pesquisas sobre adolescência homoerótica, a construção da consciência das masculinidades negras, a construção de identidade de gênero da mulher e a construção da identidade social de uma aluna idosa. Todas essas pesquisas (se encontram na obra ‘Discursos de Identidades’, de Moita Lopes, 2003) foram conduzidas à luz da Linguística Aplicada e objetivavam, por meio da investigação da linguagem dos sujeitos envolvidos, tornar visíveis as práticas discursivas construtoras deles. Além disso, os linguistas aplicados contemporâneos têm se debruçado em compreender e elaborar teorias feministas, antirracistas, *queer* (MOITA LOPES, 2006) e pós-coloniais (KUMARAVADIVELU, 2005). Quando mencionei que as pesquisas na Linguística Aplicada não se restringem ao ensino e à aprendizagem da língua inglesa, queria dizer, também, que essa área de investigação tem possibilitado compreensões de cenários, qualquer um, nos quais a linguagem figura como peça principal. Nessa linha de raciocínio, Moita Lopes (2006, p. 19) enfatiza:

Ao contrário do que acontece em outras partes do mundo, no Brasil, a pesquisa em Linguística Aplicada tem se espalhado para uma série de contextos diferentes de aula de LE: da sala de aula de língua materna para as empresas, para as clínicas de saúde, para a delegacia de mulheres etc. E a questão da pesquisa, em uma variedade de contextos de usos da linguagem, passou a ser iluminada e construída interdisciplinarmente.

Por isso a Linguística Aplicada tem incluído na sua agenda a compreensão de diversos cenários. Isso tem sido possível, tendo em vista o seu caráter inter/trans/multidisciplinar. Na Linguística Aplicada é possível produzir conhecimento, com base em situações reais, que podem ser explicadas por meio do diálogo e do atravessamento das disciplinas. Atualmente, a Linguística Aplicada tem buscado a consolidação de pesquisas que visem à compreensão da vida social, a partir de práticas com interfaces com as mais diversas áreas. Não sem razão é que a compreensão do contexto de ensino/aprendizagem de línguas tem sido possibilitada pelo diálogo com a Psicologia Social, a Análise do Discurso e a Pedagogia Crítica. Feitas essas considerações iniciais, na seção seguinte verso brevemente sobre os conceitos da Linguística Aplicada e suas características.

O que é, então, a Linguística Aplicada?

Embora o nome Linguística Aplicada automaticamente remeta à aplicação de conhecimentos linguísticos, ela não necessariamente tem esse sentido. É evidente que o termo ‘Linguística Aplicada’ tenha sido inicialmente usado com essa intenção, e, embora tardiamente vigente (ALMEIDA FILHO, 2005), a LA, de fato, transcende tal acepção, porque ao produzir conhecimento, a partir de práticas investigativas, tem comprovado, por inúmeros dados, que tudo que envolve a linguagem é muito mais complexo do que se imagina. Para os linguistas aplicados, essa questão do nome ‘Linguística Aplicada’ trata-se de uma página virada. Por isso, vou dar o caso por encerrado.

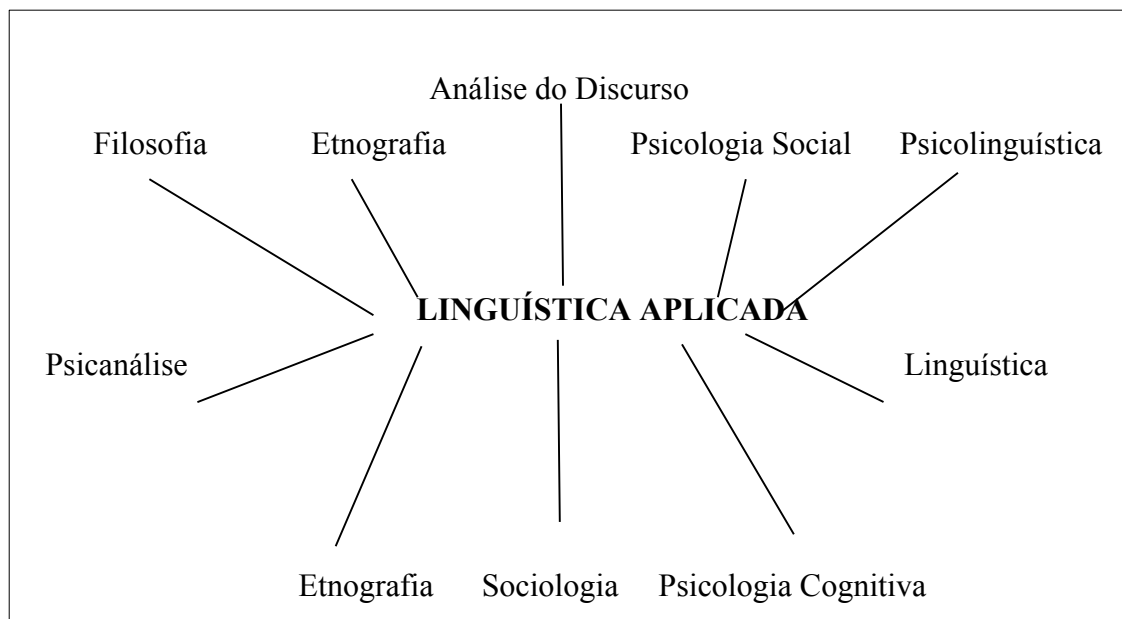
Mas, como se pode, de fato, definir a Linguística Aplicada? Almeida Filho (2005), ao falar sobre maneiras de se compreender a LA, defende que ela é uma das três ciências da linguagem (juntamente com a Linguística e a Estética da Linguagem), inseridas na prática social e real. Essa área se subdivide em ensino/aprendizagem de línguas, tradução e interpretação, terminologia e lexicografia e relações sociais/profissionais, todas mediadas pela linguagem. Já Moita Lopes (1996) enfatiza que a LA é uma ciência social, cujo foco são os problemas de linguagem apresentados pelos usuários (ouvintes, falantes, escritores, leitores) de uma língua, num dado contexto social. Esse pesquisador diz ainda que a LA é uma modalidade de pesquisa, que utiliza métodos de investigação interpretativista, de natureza aplicada em ciências sociais, de caráter interdisciplinar.

No tocante ao caráter da LA, muitos pesquisadores compartilham da noção de que ela é uma área de investigação inter/trans/multidisciplinar. Nesse sentido é que Cellani (1998) chama a atenção para o fato de que não há dúvidas quanto ao caráter multi/pluri/interdisciplinar da LA e observa que os militantes dessa área sabem que para compreender um fenômeno sempre terão que adentrar outros domínios. Quanto a isso, gostaria de tocar na questão da transdisciplinaridade, que também compõe o caráter da LA. A transdisciplinaridade funciona como um fio condutor que se estabelece a partir da colaboração das disciplinas. Para Cellani (1998), o transdisciplinar é um componente fundamental para definir a LA, porque possibilita a inauguração de novos espaços de conhecimento, a partir da interação, do atravessamento das disciplinas e dos conceitos. Já Moita Lopes (1998) diz que está nítido que na LA a transdisciplinaridade é um procedimento de investigação, cuja produção do conhecimento corta várias disciplinas.

Quanto ao caráter interdisciplinar da LA, este diz respeito ao fato de um pesquisador identificar um problema da linguagem, numa determinada prática social e, para compreendê-lo, recorre a várias disciplinas que possam teoricamente iluminar a questão. (MOITA LOPES,

1998). Nessa perspectiva é que Davies (2007) enfatiza que a LA deve ser construída com base na psicologia, na sociologia, na educação etc. A seguir está a Figura 1, representativa da Interdisciplinaridade na LA:

Figura 1: A interdisciplinaridade na LA.



Fonte: Elaborado pelo autor (2017)

Entretanto, em termos práticos, Moita Lopes (1998) destaca que a interdisciplinaridade tem sido consolidada com muita timidez, dentro um determinado limite, o da própria linguística, justificando que muitos pesquisadores operam nos limites da Análise do Discurso, da Linguística Textual e da Análise da Conversação. O que Moita Lopes (1998) pontua, em outras palavras, é que muitos pesquisadores agem na sua zona de conforto, se limitando a compreender um dado problema de linguagem dentro do seu próprio território teórico, evitando enveredar por outras áreas que não as suas, porque ultrapassar as barreiras disciplinares requer esforço e maior pensamento crítico. A partir de pensamentos como esse é que emergiram algumas concepções de LA. Sob essa ótica é que Moita Lopes (2009) propõe o que ele convencionou chamar de Linguística Aplicada híbrida, mestiça, *indisciplinar*. Para tanto, esse pesquisador defende a explosão da relação entre teoria e prática, de modo que a LA seja responsiva à vida social. Para que isso aconteça é preciso romper as barreiras disciplinares, avançar e adentrar o

universo de outras disciplinas, desenvolvendo respostas e rompendo com paradigmas consagrados, quase sagrados.

No rastro dessa reflexão, Pennycook (2006) defende uma LA transgressiva. O termo ‘transgressiva’ denota a necessidade de se agregar instrumentos políticos e epistemológicos visando a transgredir políticas ultrapassadas e pensamentos limitantes. Por isso que a proposta de uma LA transgressiva deve ser compreendida como uma abordagem mutável e dinâmica para as questões que envolvem a linguagem, em contextos diversos. Pennycook (2006) usa ainda o termo antidisciplinar para fazer referência ao seu modelo de LA e o caracteriza como uma prática problematizadora das nossas realidades. A proposta de Pennycook (2006), acredito, traz em seu bojo uma agenda política crítica, com a intenção de politizar a investigação em LA. E, desse modo, ao falar sobre a LA como projeto crítico, Pennycook (2006, p. 46), destaca:

Se estamos preocupados com as óbvias e múltiplas iniquidades da sociedade e com o mundo em que vivemos, então creio que é hora de começarmos assumir projetos políticos e morais para mudar estas circunstâncias. Isso requer que rompamos com os modos de investigação que sejam associiais, apolíticos e a-históricos.

Essa visão de Pennycook (2006) descreve, de certa forma, o objetivo principal da LA, porque ao propor o rompimento com projetos associiais, apolíticos e a-históricos acaba tocando numa questão central: investigar, politizando, o que envolve questões ideológicas. Nessa linha de pensamento Pennycook (1998) assinala que um dos objetivos da LA é examinar a base ideológica do conhecimento que produzimos. Esse autor entende que as culturas e ideologias hegemônicas estruturam as desigualdades sociais e impedem uma reflexão sobre o mundo e possíveis mudanças. Por isso Pennycook (1998) defende a assunção de uma Linguística Aplicada Crítica, que se volte para a solução de problemas sociais, e, por isso, política, social e histórica, porque leva em consideração os aspectos sociais, históricos e humanos inerentes ao homem. Numa linha de pensamento semelhante, Kumaravadivelu (2006) diz que a LA, ancorada em princípios pós-coloniais, não deve ter como objetivo a busca de leis, mas do significado. E, com tal pensamento, esse pesquisador parece propor a busca de traços ideológicos nas formações discursivas. Kumaravadivelu (2006) argumenta que nenhum texto é ingênuo, todos eles são políticos, porque todas as formações discursivas são políticas.

Já para Almeida Filho (2005), os objetivos da LA estão nas respostas das perguntas: o que estão buscando os linguistas aplicados? e que tipo de conhecimento desejam revelar? Esse pesquisador afirma que, num plano maior, a LA deve tentar explicar e otimizar as relações

humanas por intermédio do uso da linguagem. Na visão de Rojo (2006), a meta da LA não é mais aplicar uma teoria a um dado contexto, para testá-la, tampouco se resume à descrição e à explicação de conceitos de determinados contextos, à luz de algumas teorias emprestadas. Essa autora defende que a LA busca respostas teóricas para problemas socialmente relevantes e que tais respostas tragam em seu bojo benefícios a práticas sociais e a seus participantes, inclusive vislumbrando melhor qualidade de vida. Concordo com Rojo (2006), no sentido de que o fito maior da LA é investigar problemas relacionados à linguagem, socialmente contextualizados, para (re)construir a vida social, a partir da elaboração de alternativas que beneficiem os atores sociais.

Feitos esses breves esclarecimentos sobre conceitos, tipos e objetivos da LA, na próxima seção discorro sobre o ensino da língua inglesa e a LA.

O Ensino da Língua Inglesa e a Linguística Aplicada

Arrisco dizer que a Linguística Aplicada só emergiu porque durante a Segunda Guerra Mundial foi preciso investigar meios de lecionar a língua inglesa. Desse modo, fica evidente que a Linguística Aplicada tem uma relação sólida com a língua inglesa, pois, como já externado, a sua origem se entrelaça com esse idioma global. Portanto, seria injusto se a LA não auxiliasse a língua inglesa, sobretudo nesse momento sócio-histórico, quando esse idioma alcança o *status* de língua franca global na contemporaneidade. É uma espécie de reconhecimento pelo que a língua inglesa representou no prelúdio da LA. Sem sombra de dúvidas, a LA nada deve à língua inglesa, porque desde a sua origem tem possibilitado compreender a sala de aula de língua inglesa e diversos fatores relacionados a esse contexto.

No rol dessas contribuições, a LA tem possibilitado, com as suas práticas investigativas, nos mais diversos contextos de aprendizagem, compreender inter/transdisciplinarmente problemas de desmotivação, atitudes, orientação, crenças, identidades, metodologias, materiais didáticos, todos no contexto de ensino/aprendizagem da língua inglesa, só para mencionar alguns. O mais relevante dessas práticas investigativas é perceber que muitas delas têm ocorrido em espaços de desprivilegio – conforme a escola pública geralmente é reconhecida –, como meio de combater e superar complexos que hierarquizam povos, culturas, línguas e espaços.

Quanto a essa questão de como a LA pode auxiliar a subárea ensino/aprendizagem de língua inglesa, Almeida Filho (2005) destaca que o que a Linguística Aplicada pode fazer pelo ensino de línguas é formular teorizações do processo de aprender e possibilitar auxílio de outras

áreas que contribuam teoricamente para a prática social do ensino de línguas. No âmbito da Linguística Aplicada, uma rápida análise mostra o grande número de pesquisas e publicações, aqui no Brasil, que têm dado expressiva contribuição especificamente para o ensino/aprendizagem da língua inglesa, sem contar o número também expressivo de dissertações e teses na área. O quadro a seguir mostra obras que representam contribuições para o ensino/aprendizagem de língua inglesa, no período de 2004 a 2015, com alguns intervalos.

Quadro 1: Algumas contribuições da LA para a área do ensino/aprendizagem da língua inglesa, 2004-2015.

ANO	OBRA	AUTOR/ORGANIZADORES
2004	Pesquisas em linguística aplicada, ensino e aprendizagem de língua estrangeira.	Douglas Altamiro Consolo e Maria Helena Vieira-Abrahão
2005	Ensino de língua inglesa: reflexões e experiências.	Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva
2006	Crença e ensino de línguas, foco no professor, no aluno e na formação do professor.	Ana Maria Ferreira Barcelos e Maria Helena Vieira-Abrahão
2009	Espaços linguísticos, resistências e expansões. Ensino e aprendizagem de língua inglesa, conversas com especialistas.	Denise Scheyerl e Kátia Mota Diógenes Cândido Lima.
2010	Recortes interculturais na sala de aula de línguas estrangeira.	Denise Scheyerl e Kátia Mota
2011	Inglês em escolas públicas não funciona? Uma questão, múltiplos olhares.	Diógenes Cândido Lima
2012	Materiais didáticos para o ensino de línguas na contemporaneidade: contestações e proposições. A formação de professores de línguas: novos olhares.	Denise Scheyerl e Sávio Siqueira Kleber Aparecido da Silva
2014	Métodos de ensino de inglês, teorias, práticas, ideologias.	Luciano Amaral Oliveira
2015	Aula de inglês, do planejamento à avaliação.	Luciano Amaral Oliveira.

Fonte: Elaborado pelo autor (2017).

No bojo dessas contribuições, é possível verificar que Consolo e Vieira Abrahão (2004) levantaram reflexões relevantes sobre a atuação de professores de segunda língua ou língua estrangeira, ao reunir pesquisas produzidas por alunos do programa de pós-graduação em

estudos linguísticos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, da UNESP, da área da Linguística Aplicada. A obra representa estímulo à condução de novas pesquisas na área da Linguística Aplicada. Já Paiva (2005) traz uma obra elaborada por um grupo de professores do magistério superior, em cuja pesquisa se discutem questões relacionadas ao ensino da língua inglesa. Nos textos são encontrados temas diversos inerentes ao processo de ensino/aprendizagem da língua inglesa, tais como questões ideológicas e culturais. Em 2006 Barcelos e Vieira Abrahão reuniram trabalhos num simpósio realizado na PUC-SP, cujo foco é a crença sobre o ensino/aprendizagem de línguas. A obra representa umas das mais valiosas contribuições sobre a temática das crenças.

Em 2009 Scheyerl e Mota reuniram trabalhos que versam sobre hegemonia linguística, questões de ensino/aprendizagem e línguas minoritárias. A obra tem um tom sociopolítico e ideológico e, desse modo, traz contribuições valiosas. Ainda nesse ano, Lima (2009) reuniu vinte e dois especialistas em línguas e solicitou que respondessem a perguntas feitas por um grupo de estudantes e professores. As respostas deram origem a uma obra que versa sobre temas diversos na subárea do ensino/aprendizagem de língua inglesa, tais como habilidades linguísticas, autonomia, prática docente, identidade, ideologia etc. No ano seguinte, Scheyerl e Mota (2010) lançam “Recortes Interculturais”, com textos que discutem sobre temas como cidadania intercultural, identidades, ideologia e perspectivas multiculturais. A obra, sem sombra de dúvidas, representa uma contribuição de imenso valor para a formação de professores de línguas estrangeiras, de língua inglesa em especial.

Em 2011 Lima faz um questionamento bastante provocativo: Inglês em escolas públicas não funciona? E a partir da narrativa 14, fruto de depoimento de um aluno que não conseguiu aprender inglês na escola pública, convida professores de línguas a refletir sobre temas na área do ensino/aprendizagem da língua inglesa, tais como motivação, currículo, socialização escolar, profissionalização e o papel do aluno no processo de aprendizagem.

Em 2012 Scheyerl e Siqueira apresentam ‘Materiais Didáticos’, com reflexão que apontam para problemas ideológicos presentes nos livros didáticos de língua inglesa. Os autores, em suma, constatarem que o mundo não está sendo devidamente representado no livro didático de língua inglesa, e que existe uma ideologia a serviço do poder, uma ideologia colonialista, mercantilista. Ainda nesse ano, Silva (2012) lança o segundo volume da coletânea “A formação de professores”, que visa à reflexão do processo de ensino/aprendizagem de línguas e à formação do professor. Esse volume da coletânea é contemplado com artigos que

transitam pelos temas da educação crítica, identidade, perspectivas cognitivas, ideologia, motivação, tecnologias, formação inicial e currículo.

Em 2014 Oliveira lança “Métodos de ensino de inglês”, em que trata de questões teóricas básicas do contexto de ensino/aprendizagem de línguas. A obra aponta, ainda, para os primeiros métodos de ensino de línguas estrangeiras e outros cinco métodos alternativos. No penúltimo capítulo, o autor trata exclusivamente sobre os métodos comunicativos, para, no último, versar sobre a vida e a morte de todos eles. O estudo constitui um apanhado geral dos métodos de ensino de línguas estrangeiras no Brasil e, de certa forma, traz considerações como nenhuma outra obra sobre métodos de ensino aqui no Brasil nos últimos tempos. E mais recentemente, em 2015, esse mesmo autor lança “Aula de inglês”, em que apresenta o professor de língua inglesa com capítulos que se articulam sobre a logística da aula de inglês. A obra emerge como possibilidade de preencher a lacuna dos licenciados em Letras com Língua Inglesa, suprimindo a falta de materiais que abordem a teoria e a prática do ensino da língua inglesa.

Como se pode verificar, por essa breve explanação, num período curto, há uma vasta produção na área da Linguística Aplicada, que tem auxiliado a sua subárea ensino/aprendizagem de língua inglesa, confirmando o papel da LA, de buscar compreender e solucionar problemas no contexto de aprendizagem da LI, nas suas mais diversas facetas. Tais ações têm se articulado no intuito de projetar mudanças de um quadro, em muitos contextos, negativo, como é o ensino da língua inglesa no contexto de muitas escolas públicas. Algumas pesquisas em LA têm mostrado, por exemplo, que o ensino de inglês no âmbito da escola pública não revela um progresso, os alunos reclamam do professor, o professor reclama do aluno, e os dois culpam o Estado, configurando o que Leffa (2011) denominou ‘triângulo do fracasso’. Contudo, apesar de diversas pesquisas em LA já identificarem problemas no contexto de aprendizagem, ainda resta a luta pela consolidação de políticas linguísticas que ajustem o currículo das universidades.

Para além dessa reflexão em torno das contribuições da LA na sua subárea de ensino/aprendizagem da língua inglesa, ainda é propício refletir sobre como a LA tem realizado as suas pesquisas para auxiliar o ensino/aprendizagem da língua inglesa. Desse modo, na próxima seção discorro sobre os métodos de investigação da Linguística Aplicada.

Métodos de Investigação da Linguística Aplicada

Moita Lopes (1996) salienta que a LA usa métodos de investigação de base positivista e interpretativista. Entretanto, há quem defenda, como Kumaravadivelu (2006), que a LA deve transcender a abordagem positivista e testar outras possibilidades, já que tem caráter inter/transdisciplinar. No tocante a essa questão, dos pressupostos teóricos metodológicos, a pesquisa em LA, de fato, tem sido, em muitos momentos, conduzida com base nos paradigmas qualitativos e quantitativos. Na pesquisa qualitativa, o pesquisador entra num processo de imersão, imerge no fenômeno no qual tem interesse, ‘mergulha’ na realidade que quer compreender, buscando significados que as pessoas dão às suas próprias atitudes. Essa noção de busca pelos significados coaduna-se com perspectivas filosóficas pós-modernas e pós-coloniais, porque permite que os agentes os quais vivem à margem da sociedade digam o que pensam sobre as suas práticas sociais. Trata-se, desse modo, de uma epistemologia capaz de construir conhecimento que gera alternativas para homens e mulheres que são marginalizados, com o auxílio do conhecimento que eles mesmos trazem consigo. (MOITA LOPES, 2006).

Todavia, não se pode negar que o paradigma quantitativo também auxilia na compreensão das nossas realidades sociais e não anula o parecer qualitativo, muito pelo contrário, ajuda a explicitá-lo. Quanto a isso, Lewin (2015, p. 287) afirma:

Os dados numéricos podem dar uma contribuição valiosa tanto na pesquisa quantitativa quanto na qualitativa, quer se trate de simples porcentagens, quer de resultados de técnicas mais complexas. O uso de métodos mistos tornou-se cada vez mais comum como meio de aproveitar as qualidades de ambos os enfoques, triangular dados e ilustrar descobertas estatísticas.

Dessa forma, tanto o paradigma qualitativo quanto o quantitativo têm sido usados na pesquisa em Linguística Aplicada, fazendo com que ela se configure como um fenômeno de faces quali-quantí, uma corroborando a outra. É possível então dizer que a utilização do método misto possibilita uma melhor compreensão das realidades sociais, de maneira mais confiável, e, portanto, válida. (GREENE; KREIDER, 2015).

Ademais, acerca dos paradigmas qualitativo e quantitativo, é relevante informar que a LA tem se configurado como área de investigação interpretativista. E, por conta disso, Moita Lopes (1996) diz que há duas tendências de pesquisa interpretativista na LA: a etnográfica e a introspectiva. Como a etnografia tem sido usada em larga escala, tecerei mais comentários sobre ela. Antes, porém, vale ressaltar que a pesquisa interpretativista introspectiva utiliza técnicas e estratégias implícitas ao uso da linguagem.

Aqui, interessa de maneira detalhada discorrer sobre a etnografia, por se tratar de um tipo de abordagem investigativa muito recorrente na LA. Inicialmente, os estudos do tipo etnográfico eram conhecidos como “análise de interação”, pois visavam ao registro comportamental de professores e alunos. Ao falar sobre a etnografia da sala de aula, Hamilton (2006) ressalta quatro características. Primeiro, ela destaca que a etnografia envolve o mundo real, logo, o foco da pesquisa deve ser um contexto específico, em um determinado momento sócio-histórico. Desse modo, pelo viés da etnografia a vida das pessoas será documentada. Segundo, a etnografia é, de acordo com essa autora, uma abordagem holística que deve envolver diversos aspectos de uma cultura a serem investigados e não apenas um dado específico. Terceiro, a etnografia tem um caráter multimodal, porque é possível utilizar uma variedade de técnicas, para coletar dados, incluindo tanto dados escritos quanto falados. E a quarta característica aponta que a etnografia tem um caráter interpretativista, quando busca desvendar os significados das ações de um grupo social.

Para Bortoni-Ricardo (2006), na escola ou na sala de aula, a pesquisa do tipo etnográfica começa quando os etnógrafos procuram responder a três perguntas: (i) O que está acontecendo aqui? (ii) O que essas ações significam para as pessoas que estão envolvidas nelas? (iii) Como essas ações que têm lugar em um microcosmo como a sala de aula se relacionam com dimensões de natureza macrossocial em diversos níveis, começando pelo sistema local em que a escola está inserida; a cidade e a comunidade nacional? Tais questionamentos sinalizam que a etnografia, com o objetivo de levantar dados relevantes, registrar e interpretar ações de um grupo social, se configura como instrumento de observação na sala de aula.

A utilização da etnografia na sala de aula torna possível a reconstrução e registro das experiências do cotidiano escolar, por meio de técnicas, como entrevistas, conversas informais, aplicação de questionários e observação dos participantes. As **observações de campo** são ferramentas de extrema utilidade para o pesquisador, porque, conforme destacam Holly e Altrichter (2015), as anotações de campo podem auxiliar no momento de tomar caminhos alternativos, que possibilitem enxergar fenômenos os quais não eram tão óbvios quando a pesquisa foi iniciada. Para Richards (2016), as vantagens de se utilizar esse instrumento de pesquisa é a flexibilidade de os eventos significativos que ocorrem cotidianamente poderem ser registrados. Acredito que as **observações de campo** sejam um dos instrumentos que compõem a pesquisa etnográfica que melhor a caracteriza, porque, de fato, possibilitam que o pesquisador possa perceber e registrar os eventos em seu acontecer natural, vendo na prática como funcionam o observar e o registrar, tão característicos da etnografia.

Já os **questionários** também representam uma fonte relevante de compilação de dados. Eles permitem conhecer os participantes, por meio de suas respostas, sobretudo as respostas subjetivas. Em muitas das respostas fornecidas no questionário parece mais evidente um posicionamento pessoal, sem influências, ao contrário das perguntas objetivas, que suscitam respostas, contudo oferecem alternativas de respostas. Lewin (2015), a respeito disso, destaca a eficácia das perguntas abertas, pois os inquiridos podem produzir respostas livres em texto contínuo. Com vistas à obtenção de dados com alto grau de confiabilidade, um questionário para pesquisa em LA pode ser elaborado com base nas sugestões de Lewin (2015): **a.** as questões devem ser claras, sem ambiguidade, isentas de linguagem técnica ou inadequada para os inquiridos; **b.** evitar induzir os participantes a darem determinadas respostas; **c.** elaborar perguntas simples, evitando a complexidade e **d.** elaborar perguntas que possam contrariar ou irritar os participantes ou que denotem ameaça para eles.

Um outro instrumento é a entrevista **livre narrativa** que, a meu ver, também constitui um dos instrumentos dos mais confiáveis para a coleta de dados, porque, acredito, as informações emitidas pelos participantes, durante as indagações, são produzidas espontaneamente. Entretanto, ainda há a possibilidade de utilizar outras abordagens, métodos e instrumentos investigativos para se realizar uma pesquisa em LA, tais como Pesquisa-ação, Estudos de Caso etc.

Encerro aqui esta seção acerca dos métodos e instrumentos da Linguística Aplicada e faço algumas considerações finais.

Algumas Considerações Finais

Este texto traçou uma breve trajetória da área da LA, destacando seus conceitos, objetivos, tipos e métodos de observação, bem como versou sobre as contribuições da LA para o ensino/aprendizagem da língua inglesa nos dias de hoje. Uma questão relevante a ser destacada na parte final deste texto é que a LA tem se consolidado bem, como área de investigação, e o contexto de ensino/aprendizagem, tão carente de olhares que o entendam, tem sido um dos quais a LA tem se dedicado a compreender com mais intensidade.

Muitas pesquisas sobre o contexto da sala de aula de língua inglesa têm emergido, o que na prática representa excelentes bases para se pensar políticas linguísticas de acesso e condução do ensino e da aprendizagem do inglês. Isso tem sido possível, tendo em vista que a Linguística Aplicada, em consonância com tendências pós-coloniais de alteridade, também tem colocado

na sua agenda propostas de investigação desses cenários, porque neles há uma série de problemas que suscitam, há um bom tempo, reflexões necessárias. A respeito disso é que problemas com materiais didáticos, metodologias, abordagens e motivação têm sido foco de estudo da Linguística Aplicada.

Ao se propor adentrar o universo do ensino e da aprendizagem da língua inglesa, a Linguística Aplicada revela a sua preocupação com questões sociais, não somente de ensino/aprendizagem, mas sobretudo com as pessoas que estão fazendo parte desse processo, ao verificar como elas operam em lugares de poder e conflito e o que pode ser feito para lhes propiciar melhores condições.

Embora tivesse sido severamente criticada e desacreditada, a Linguística Aplicada, hoje, se apresenta como umas das mais autênticas e respeitadas áreas de investigação da linguagem, em nada devendo às demais ciências. Até aqui é possível dizer que ela tem cumprido o seu papel, com ética e responsabilidade, dentro dos paradigmas formais de qualquer ciência social, problematizando a vida social, provocando reflexões, criando inteligibilidades. E uma de suas marcas mais preponderantes, que é pensar alternativas para vida, é o que, na verdade, a melhor justifica no meio científico. Que isso possa fazê-la firme. Vida longa à Linguística Aplicada!

Referências

ALMEIDA FILHO, J. C. P. *Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas*. Campinas, SP: Pontes, 1993.

ALMEIDA FILHO, J. C. P. *Linguística Aplicada, Ensino de Línguas & Comunicação*. Campinas, SP: Pontes/Arte Língua, 2005.

BARCELOS, A. M. F.; ABRAHÃO, M. H. F. (Org.). *Crenças e Ensino de Línguas: foco no professor, no aluno e na formação de professores*. Campinas: Pontes, 2006.

BORTONI-RICARDO, S. M.; PEREIRA, A. D. P. de. Formação continuada de professores e pesquisa etnográfica colaborativa: a formação do professor pesquisador. *In: Revista Moara*, Belém. n. 26. p. 149-162. Ago/Dez. 2006.

CELLANI, M. A. A. Transdisciplinaridade na Linguística Aplicada no Brasil. *In: SIGNORINI, M. C.; CAVALCANTE, M. C. (Org.). Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade*, SP: Mercado de Letras, 1998, p. 129-142.

CONSOLO, D. A.; VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. *Pesquisas em Linguística Aplicada: ensino e aprendizagem de língua estrangeira*. São Paulo: Editora UNESP, 2004, p. 55-79.

- DAVIES, A. *An introduction to applied linguistics*. Edimburgh University Press, 2007.
- GREENE, J.; KREIDER, H.; MAYER, E. Combinação de métodos qualitativos e quantitativos na pesquisa social. In: SOMEKH, B.; LEWIN, C. *Teoria e Métodos de Pesquisa Social*. Rio de Janeiro: Vozes, 2015. p. 331-345.
- HAMILTON, M. Ethnography for classrooms: constructing a reflective curriculum for literacy. *Curriculum Studies*, vol. 7, n. 3, 1999. p. 429-444.
- HOLLY, M. L.; ALTRICHTER, H. Diários de Pesquisa. In: SOMEKH, B.; LEWIN, C. *Teoria e Métodos de Pesquisa Social*. Rio de Janeiro: Vozes, 2015, p. 79-89.
- KUMARAVADIVELU, B. Deconstructing Applied Linguistics: a postcolonial perspective. In: FREIRE, M. M.; ABRAHAO, M. H. V.; BARCELOS, A. M. F. (Org.). *Linguística Aplicada e Contemporaneidade*. São Paulo: ALAB/Pontes, 2005, p. 203-218.
- KUMARAVADIVELU, B. A linguística aplicada na era da globalização. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. p. 129-148.
- LEFFA, V. J. Criação de bodes, carnavalização e cumplicidade. Considerações sobre o fracasso da LE na escola pública. In: LIMA, D. C. de (Org.). *Inglês em Escolas Públicas não Funciona? Uma questão, múltiplos olhares*. São Paulo: Parábola, 2011, p. 15-31.
- LEWIN, C. Compreensão e descrição de dados quantitativos. In: SOMEKH, B.; LEWIN, C. *Teoria e Métodos de Pesquisa Social*. Rio de Janeiro: Vozes, 2015, p. 287-299.
- LIMA, D. C. de. *Ensino/aprendizagem de Língua Inglesa: conversas com especialistas*. São Paulo: Parábola, 2009.
- LIMA, D. C. de (Org.). *Inglês em Escolas Públicas não Funciona? Uma questão, múltiplos olhares*. São Paulo: Parábola, 2011.
- MOITA LOPES, L. P. *Oficina de Linguística Aplicada*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.
- MOITA LOPES, L. P. A transdisciplinaridade é possível em Linguística Aplicada? In: SIGNORINI, M. C.; CAVALCANTE, M. C. (Org.). *Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade*. São Paulo: Mercado de Letras, 1998, p. 113-128.
- MOITA LOPES, L. P. *Discursos de Identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2003.
- MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. p. 149-166.

MOITA LOPES, L. P. M. Da aplicação de linguística à linguística aplicada indisciplinar. In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. (Org.) *Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 11-24.

OLIVEIRA, L. A. *Métodos de Ensino de Inglês: teorias, práticas, ideologia*. São Paulo: Parábola, 2014.

OLIVEIRA, L. A. *Aula de inglês: do planejamento à avaliação*. São Paulo: Parábola, 2015.

PAIVA, V. L. M. O. (Org.). *Ensino de Língua Inglesa: reflexões e experiências*. Campinas, SP: Pontes, 2005.

PENNYCOOK, A. Linguística aplicada nos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: SIGNORINI, M. C.; CAVALCANTE, M. C. (Org.). *Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade*, São Paulo: Mercado de Letras, 1998, p. 23-50.

PENNYCOOK, A. Uma linguística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006, p.67-84.

RAJAGOPALAN, K. *Por uma Linguística Crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola, 2003.

RAJAGOPALAN, K. Repensar o papel da linguística aplicada. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. p. 149-166.

RICHARDS, J. C. *Peer observation*. 2016. Disponível em: <<http://www.professorjackrichards.com>>. Acesso em: 31 out. 2016.

ROJO, R. H. R. Fazer linguística aplicada em perspectiva sócia histórica - privação sofrida e leveza de pensamento. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. p. 253-276.

SCHEYERL, D.; MOTA, K. (Org.). *Espaços Linguísticos: resistências e expansão*. Salvador: EDUFBA, 2009.

SCHEYERL, D.; MOTA, K. (Org.). *Recortes Interculturais na Sala de Aula de Línguas Estrangeiras*. Salvador: EDUFBA, 2010.

SCHEYERL, D.; SIQUEIRA, D. S. P. (Org.) *Materiais Didáticos para o Ensino de Línguas na Contemporaneidade: contestações, proposições*. Salvador: EDUFBA, 2012.

SILVA, K. A; DANIEL, F. G; KANEKO-MARQUES, S. M.; SALOMÃO, A. C. B. (Org.). *A Formação de Professores de Línguas: novos olhares*. Campinas, SP: Pontes, 2012.

Recebido em: 18 de agosto de 2017.

Aceito em: 03 de novembro de 2017.